

À minha musa_

A minha Musa agora é sombria mulher
Que, faminta e descalça, eu vejo em qualquer
parte.
Quero encontrar na noite a luz do alvorecer
E nuns farrapos de mendiga uma obra d'arte.

Há nos teus lábios, Musa, o murmúrio das fontes
E no teu corpo verde há ramos doloridos.
Por sobranceiras tens os vastos horizontes
E os nevoeiros são teus húmidos vestidos...

Simbólica mulher, descubro no teu rosto
Os traços da Miséria... a tua mãe decerto...
Nos teus olhos crepita o incêndio do sol-posto,
Há neles a amplidão magoada do deserto!

Um vento de injustiça açoita o teu cabelo,
Enruga a tua frente a cólera de Deus!
Mas nos teus lábios ouço a voz do sete-estrela,
A prece do luar e o cântico dos céus...

O pranto que floresce à luz do teu olhar,
Como os mundos do espaço à luz dos claros dias,
Na minha alma entrou, como um sinistro mar
Que salta, espadanando, as broncas penedias!

Teixeira de Pascoaes
Para a luz

À minha musa_

My Muse is now a wretched woman
Who, famished and barefoot, I see everywhere.
In the night I want to find the light of the sun, risen
And a work of art in the rags of a beggar.

In your lips, Muse, there is the murmur of fountains
And in your green body are aching branches.
Your eyebrows are vast horizons
And the fog makes up your humid dresses...

Symbolic woman, I find in your features
The traces of Misery... undoubtedly your mother...
In your eyes the fire of the setting sun crackles,
In them is a pained vastness, the desert's!

Your hair is whipped by the wind of injustice,
You furrow your brow at God's anger!
But on your lips I hear the voice of the seven sisters,
The moonlight's prayer and the skies' cantor...

The lament that blossoms under the light of your glance,
Like the worlds of space in the light of sunny days,
Invaded my soul, like a sinister sea
That skips, gushing, the coarse rocks!

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES



Inverno_

Um pálido fulgor a noite sobressalta...
Dos telhados se eleva, esguia, uma torre alta,
Como um cipreste ao pé de vagas sepulturas.
Na indecisão da luz, ó chuva, tu murmuraras...
As ruas vão morrer, além, num negro abismo,
Onde a luz dos lampiões, num triste paroxismo,
Agoniza, chorando a noite em que brilhou...
Principia a nevar. O vento serenou.
Um horroroso frio os membros entorpece...
E no álgido levante, a medo, resplandece
O sol a tiritar, transido, arroxeadado.
Por uma névoa espessa e húmida velado...

Foi à luz deste sol que, ao limiar duma porta,
Sobre a neve, encontrei uma criança morta.
No peito as mãos em cruz, os olhos ainda abertos.
Contemplando talvez quiméricos desertos.
Como esses que ela tinha atravessado há pouco...
E eu visionei então um mundo ignóbil, louco.
Um mundo criminoso, injusto, pervertido.
Onde há bocas sem pão e corpos sem vestido.
Onde há lares sem fogo, onde há almas sem luz,
Onde Caifás é juiz e onde é réu Jesus;
Onde os bandidos são felizes e opulentos.

Onde a Bondade sofre os mais duros tormentos!
Um mundo que ao Azul dá a impressão dum grito,
Onde o espírito humano é um réprobo maldito,
Um Messias que sobe um infundo calvário,
Sob um céu sempre mudo e sempre solitário,
Através dum caminho estéril, sempre agreste...
Onde Buda caiu e onde tu bebeste
O copo de cicuta, ó Sócrates divino;
Onde tu foste, Horácio, um vate libertino.
Onde tu, Vitor Hugo, encontraste um presídio
E onde por amor foi desterrado Ovídio!
Eu visionei o mundo assim como ele existe,
Alegre para o mal, para a bondade triste;
Para o crime um altar e cruz para a Verdade...
Um mundo ensanguentado e todo falsidade.
Que o calor do teu fogo, ó Satã, vem florir,
E onde ouço a Luz chorar e vejo a Treva a rir!...
Eis o mundo que eu vi, ao deparar na rua
Com essa criança morta, arrefecida e nua.
De fome ela morreu; morreu de frio agreste...

De fome de justiça, António, tu morreste!
E deste mundo ingrato e vil, meu grande irmão,
Dessa criança levaste a alma pela mão.
Tu partiste com ela, e aqui ficámos nós,
Sombrios como o mar revoltado e feroz.
Numa infinita dor onde há surdos bramidos
De rochedos que torna a lava encandecidos,

Winter_

A pale glow invades the night...
From the roofs, sleek, stands a tower in height,
Like a cypress near the graves so humble.
Light is undecided and you, rain, you mumble...
Streets go to die, over there, in the dark abyss,
Where the light of the lamps, in agony, weeps,
Recalling the night when it showed its glow...
The wind came to a halt. It begins to snow.
A dreadful cold numbs the fingers...
And as it rises, winced, it lingers,
A trembling sun of purple tone, shivering.
Behind the thick, damp fog, hiding.

It was under this sun that I found by a door,
On the snow, a child lying dead on the floor.
Eyes still open, hands in cross, above the chest
Sighting chimerical deserts, in her rest.
Such as those she had just crossed...
And I then envisioned a world so mad, so lost.
A world so criminal, unfair and torn.
With mouths to feed, bodies unworn.
With homes lacking fire and souls without beam,
Where Caiaphas is the judge and Jesus can't redeem;
Where bandits live wealthy and content.

Where Kindness endures the greatest torment!
A world giving the Blue the impression of a shout,
Where the human spirit is damned and cast out,
A Messiah walking in endless ordeal,
Under a lone, silent sky, with no appeal,
A path endlessly sterile and rough
Where Buddha fell and you drank enough
Of that poisonous hemlock, Socrates divine;
Where you were, Horace, a lyrical libertine.
Where you, Victor Hugo, were in a cell, arrested
And where love got Ovid expatriated!
I envisioned this world of madness,
For evil there's joy, for kindness there's sadness;
An altar for crime and the cross for what's True...
A world of bloodshed, made of fallacy too.
For your heated flames, Satan, come and flourish right after
And where I hear the Light weep, I see Darkness in
laughter!...
As I stumbled across that child lying dead on the floor,
Naked, ice-cold, poor child, this is the world I saw.
Dead of hunger; dead of cold...

And hunger for justice, António, took away your soul!
You departed, brother of mine, from a world wicked and vile
Taking by the hand the poor soul of that child.
With her you left, and here we stand alone,
Grey, like the angry ocean to a storm prone.
In endless pain of silent roar

Junto da boca negra e hiante dos vulcões...
Tormento que nos faz tremer nas convulsões
Dum ódio represado, imenso e poderoso
Que faz do nosso peito um mar tempestuoso,
Um trovejante céu sem astros de esplendor,
Um abismo sem fundo onde soluça a Dor...
Dum ódio enorme, ódio sem fim, ódio infinito.
Que será da revolta o sempiterno grito!...

Teixeira de Pascoaes

Para a luz

Of the rocks the flaming lava tore,
By the black, wide-open mouth of a crater...
We shiver, we convulse, our torment is greater,
An immense, powerful hatred living within us
Making our chests a sea so tempestuous,
A lightning sky with no stars of splendour,
An infinite abyss where Pain is tormentor...
Of a hate so great, hate to no end, hate all
about.
And rage will always claim the never-ending
shout!...

MUSE
HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES

A
AMARANTE
CULTURA

U. PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

MUSO
Art Gallery & Studio

Tempestade_

Minh'alma fez seu ninho ao pé dum grande abismo,
Onde chega, a tremer, o âlgido paroxismo
Dum imenso estertor.
Um orvalho de sangue as minhas faces molha,
E o lírio do Azul por sobre mim desfolha
O vendaval da dor!

Sinto no coração esse terrível frio
Que enche os montes de neve e faz gelar um rio
E tiritar o mundo.
Meu cérebro delira em sonhos de tristeza...
E aos meus ouvidos chega a voz da Natureza,
Num soluço profundo!

E uma trágica voz feita de fel e pranto.
Onde a Alegria chora em pálido quebranto
E onde é um gemido o vento.
Ê uma voz afitiva e triste, onde murmura
A dor universal, a humana desventura,
O eterno sofrimento!

Uma voz onde existe o timbre excepcional
Da voz dum lírio que emurchece em ermo val",
Da voz do que soufri,
Da voz da luz que o vento vai assassinar...
Foi essa voz que faz as árvores chorar
Que me falou de ti,

Quando, um dia, passei, à hora do poente.
Perto da campa onde tu sonhas suavemente,
Numa visão de luz
Que te revela agora o Ideal que desejaste,
Esse ideal que sobre a terra não achaste,
Assim como Jesus!

Dorme em paz, meu irmão. Ó vítima sublime
Da negra estupidez, da injustiça e do crime
Que ainda insultam Deus!
Dorme em paz; que o teu sonho imenso de Verdade
Há-de ser para o mundo a nova claridade
E o novo azul dos céus.

Teu sonho não morreu contigo. É sempiterno.
E uma bendita flor sem abril, sem inverno.
Que tu semeaste, irmão.
E será sempre um sol quimérico a fulgir
Sobre as almas que, um dia, o Bem hão-de sentir,
Aquele teu perdão!

Grande acontecimento e cousa extraordinária!
Quando a tua alma triste, agreste e solitária
Como Jesus, perdoou.
Ó sublime perdão! Imaculado dia

Storm_

My soul made a nest next to a large chasm,
Where, shaking, emerges the glacial paroxysm
From a death rattle, immense.
Dewdrops of blood wet my cheeks,
And the lily of Blue loses its petals over me
The gale of pain!

In my heart I feel that terrible cold
That freezes a river over and covers mountains with snow
And provokes a shiver in the world.
My brain, with dreams of sorrow, delirious...
And the voice of Nature my ears reaches
In a deep sob!

And a tragic voice made of bile and sadness.
Where Joy weeps in pale weariness
And where the wind is a groan.
It is a distressing and sad voice, where murmurs
A universal pain, a human woe,
The eternal suffering!

A voice which has the exceptional timbre
Of the voice of a lily that, in a solitary vale, withers
Of the voice of what I suffered,
Of the voice of the light that the wind will kill...
It was that voice that makes the trees wail
That spoke of you to me,

When, one day, I passed, at sundown.
Near the grave where you dream sweetly,
In a vision of light
That now reveals to you the Ideal for which you longed,
That ideal that on earth you did not find,
Like Jesus!

Sleep peacefully, my brother. Oh victim sublime
Of the bleak folly, of the injustice and crime
That still insult God!
Sleep peacefully; may your great dream of Truth
Be the new light of the earth
And the new blue of the skies.

Your dream did not die with you. It is sempiternal.
And a hallowed flower without April, without winter.
That you sowed, brother.
And there will always be a sun, chimerical,
Shining on the souls that, one day, the Good will feel,
Your forgiveness!

Great event and thing extraordinary!
When your soul, sad, coarse and solitary
Like Jesus, forgave.
Oh forgiveness sublime ! Immaculate day

Que nos permite ver as asas d'harmonia,
Onde a tua alma voou...

Perdão que fez tremer de pânico um bandido
E que vestiu de luz o espaço indefinido...
Ó palavra d'amor
Que as estrelas de Deus, cantando, repetiram,
Palavra que também os lírios proferiram,
Sorrindo à tua dor.
Ó divino Perdão! Ó sacrossanto exemplo,
Que merece um altar, Verdade, no teu templo.
Palavra sobre-humana!
Como a essência que anima as árvores e o granito,
Que o teu perdão de luz, esse sol infinito.
Anime a alma humana!...

*

Quem pode ser feliz, enquanto houver o mal?
Quem pode ser alegre enquanto houver tristeza?
Sorrir, enquanto chora a dor universal?
Cantar, enquanto é um ai profundo a Natureza?
Quem pode ser sereno, enquanto os vendavais
Causam naufrágios, perdições e mortandades,
E enquanto os homens são injustos, desiguais,
E enquanto sobre a terra há só calamidades?...
Por isso, tu, minh'alma, ó triste visionária,
Desce da tua luz às trevas horrorosas
E guarda, dentro em ti, ó grande solitária,
As lágrimas sem fim dos seres e das cousas...
Desce do etéreo azul, alma bondosa e forte!
És precisa no mundo e não nos altos céus.
Que tu conheças bem a noite, o mal e a morte,
Antros onde não chega o resplendor de Deus!...
Deixa os astros, Amor, e desce aos lodaçais.
Despe a túnica d'ouro, e que teu rosto belo
Fique branco de dor, fique oxvalhado d'ais.
Uma lágrima é maior que o sete-estrela!...

Teixeira de Pascoaes
Para a luz

That allows us to see the wings of harmony,
Where your soul flew...

Forgiveness that made a bandit quake in fear
And that dressed the undefined space in light...
Oh word of love
Which the stars of God, singing, repeated
The word that the lilies also uttered,
Smiling at your pain.
Oh Forgiveness divine ! Oh sacrosanct example,
Deserving of an altar, Truth, in your temple.
Superhuman word!
Like the essence that gives life to the trees and the granite,
May your forgiveness of light, that sun, infinite.
Give courage to the human soul!...

*

Who can be happy, while evil exists?
Who can be happy while there is sadness?
Smile, whilst universal pain weeps?
Sing, whilst Nature is a deep groan?
Who can be serene, whilst whirlwinds
Cause shipwrecks, perdition and carnage,
And whilst men are unjust, unequal,
And whilst on earth there are only calamities?...
So, you, my soul, oh sad visionary,
Descend from your moon to the horrible darkness
And keep, in you, oh great solitary,
The never ending tears of beings and things...
Descend from the ethereal blue, kind strong soul!
You are needed in the world and not in the heavens above.
May you know the night, evil and death,
Dens where the glory of God cannot reach!...
Leave the heavens, Love, and descend to the quagmires.
Remove the golden tunic, and may your beautiful face
Whiten with pain, wet with groans.
One tear is larger than the seven sisters!...

MUSE
HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES

A
AMARANTE
CULTURA

U. PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

MUSO
Art Gallery & Studio

A fábrica_

The factory_

As negras chaminés, quais bocas tenebrosas,
Cospem no azul negros escarros pestilentos
Dum fumo que envenena as paisagens nervosas
E que os lúcidos céus nos torna nevoentos...

A fábrica trabalha, e silvos estridentes
Cortam, como uma espada, a trágica atmosfera.
Há rodas a girar, grandes fornos ardentes,
Terríveis como o olhar sangrento da Quimera!

Lívidos rostos, como lágrimas, orvalham
Os vapores que vão mover as engrenagens.
Há negros vultos revoltados que trabalham.
Enquanto o sol fecunda o ventre das paisagens!

Vem visitar, ô Dante, este medonho inferno,
Os negros antros do Trabalho e da Miséria...
Cavernas onde geme o sofrimento eterno
Que tem no rosto magro a palidez funérea!

Anda ver, ô Poeta, os antros do Martírio,
Os modernos Titãs que hão-de escalar os céus...
E nas forjas, a arder, as chamas em delírio,
Que, porventura, anima a cólera de Deus!...

E a bigorna onde forja a Dor o raio ardente
Que há-de o mundo imperfeito e injusto fulminar!
Mas nesta escuridão eu vejo claramente
O brando alvorecer dum místico luar...
E da Fábrica cruel, cheia de fumo e treva,
De grandes corações amargos, sofredores.
Um grande sonho, ó Deus, fantástico se eleva,
E envolvem a oficina estranhos esplendores!...

Teixeira de Pascoaes
Para a luz

As an appalling mouth, the darkened chimney
Spits into the blue pestilent, dark flurries
And anxious lands fill up of smoke and toxicity
Bringing grey and fog into formerly lucid skies...

The factory operates, and striking hisses
Cut through the tragic air like a sword.
Wheels spinning, ovens in flaming pieces
As terrible as Chimera's look of blood!

Livid faces mist, as tears,
Those vapours that make the gears run.
Vultures working, blackened, outraged peers.
As the outdoors glow with light from the sun.

Come visit, oh Dante, this horrific hell,
This black den of Work and Misery...
These caves of eternal woe do tell
Of the skinny faces with a paleness most deadly!

Come and see, oh Poet, the den of plight,
The modern Titans who will rise to the sky...
While in the forges, fire and flames in full height,
Awaken God's anger to soar and to fly!...

And in the anvil Pain forges the bolt to burn
Which will strike the world, imperfect, unfair!
Thou in dark times I see the tides turn
And the mystical moonlight awakening with care...

And from the cruel Factory filled with smoke and doom,
Rising from hearts, suffering and bitter,
A greater dream, Almighty, emerges from the gloom
Embracing the trade in odd light and glitter!...

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES



Um burro_

A donkey_

Eu encontrei, um dia, a pastar sobre um prado
Um burro magro, esguio e triste e abandonado...
Ele tinha o quer que é de anacoreta ascético
E na sua frente triste um doce olhar profético...
Um inspirado olhar, profundo e visionário
Que vê tudo através da noite do Calvário...
Que, além da realidade, avista o Ideal!
Olhar inconsciente, olhar irracional
Ou como a luz do luar ou como a luz do dia
Que avistam um perfume e vêem toda a harmonia...
Olhar que só descobre o que o Universo sente;
Olhar feito pra ver o Espírito somente...
Que numa lágrima só vê bendita dor,
Numa pedra uma alma e num lírio um amor.
Divino olhar que nos parece amortecido.
Como um astro remoto a nada reduzido.
Porque brilha no Além, no azul distanciamento,
Onde tudo é paixão, beleza e sentimento!...
O seu corpo era alto, humano e muito ossudo.
Corpo de sábio definhado em longo estudo.
E o seu belo perfil, no ar, se desenhava
E o Sonho, como a luz, seu corpo aureolava...
E ao vê-lo eu meditei, ó Deus, numa alma triste
Que sofre a eterna dor de tudo quanto existe...
Numa alma misteriosa, oculta e incompreendida,
Que conhece o princípio e o vago fim da Vida...
Que atingiu o Absoluto e a pura consciência
De tudo – desde a Forma ao resplendor da
Essência...
Que vive na visão eterna da Verdade,
E que vai toda amor, toda paz e humildade,
Sob açoites cruéis e duras chicotadas,
Pela horrorosa mão da Estupidez vibradas,
Em busca do Martírio, a caminho da cruz,
Para morrer salvando, assim como Jesus!...

One day, I found, grazing in a meadow
A thin donkey, lean and sad and alone...
He had something of the anchorite about him, ascetic
And in his sad face a sweet look, prophetic...
An inspired look, profound and visionary
That sees everything through the night of the Calvary
Which, besides reality, glimpses the Ideal!
Unconscious gaze, irrational gaze
Or like the light of the moon or the light of day
That catch sight of a perfume and see the entire harmony...
A gaze which only discovers what the Universe feels;
A gaze made to see the Spirit only...
That in a tear only sees hallowed pain,
A soul in a stone and love in a lily.
Divine gaze that to us seems deadened.
Like a remote star reduced to nothing.
As it shines in the Beyond, in the blue distance,
Where everything is passion, beauty and feeling!...
Its body was tall, human and very bony.
The body of a wiseman wasted away during long hours of study.
And its beautiful profile, in the air, drew itself
And the Dream, like the light, formed a hallow around its
body...
And upon seeing it I meditated, oh Lord, in a sad soul
That suffers from the eternal pain of everything in
existence...
In a mysterious, hidden and misunderstood soul,
That knows the beginning and the vague end of Life...
That achieved the Absolute and pure consciousness
Of everything – from Form to the glory of Essence...
That lives in the eternal vision of the Truth,
And who proceeds full of love, of peace and humility
Under cruel lashes and hard whippings,
By the horrendous hand of Stupidity,
In search of the Martyr, on the way to the cross,
To die as saviour, as Jesus did!

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES



Nova luz_

Emana um fumo d'alma o crepitar do lume...
O incêndio dum flor dá a cinza do perfume.
E o corpo dum onda é um místico braseiro
Que exala, numa ânsia, o branco nevoeiro...
É o incêndio supremo e santo da Matéria,
Donde sai uma luz anímica e sidérea...
Tudo o que é material, como a rocha erma e calma.
Querendo e desejando, é luz, é sonho, é alma!
A alma é o exterior, o corpo o interior.
Onde termina um coração, começa o amor...
Por isso, cada corpo inânime e pesado
Duma auréola d'infinda luz está banhado.
E, assim, uma ansiedade ignota, uma quimera.
Pôs em volta da terra a lúcida atmosfera!...
A luz envolve a chama e a chama envolve a lenha...
Sensível musgo cobre uma insensível penha,
E sobre o musgo paira o aroma espiritual...
Mistério... Num aroma a pedra é imaterial!
E todavia são a mesma vida pura
O claro aroma, o verde musgo, a penha dura!...
A terra é a mãe da Alma, a terra deu à luz
O perfume da flor e a alma de Jesus!...
O lodo é a Piedade, é o Amor infinito.
É apenas comoção a rocha de granito...
No Poeta comovido há a loucura do vento;
A nuvem é um delírio, a água um sentimento...
A fonte que através dum areal se perde,
As suas margens vai vestindo de cor verde,
Lançando nessa terra estéril, ressequida,
Num beijo sempiterno, a semente da Vida.
Uma gota d'orvallio é sonho, é ansiedade,
Quer desça sobre o pó, quer suba à claridade...
Qualquer terra que a toque acorda deslumbrada,
E é uma erva, um perfume, uma alma enamorada!
E é gota d'água, ó astro espiritual, bendito,
Ampliada pela luz, abranges o infinito...
És o éter transcendente, o grande transmissor
Da voz dos mundos e do seu estranho amor!...

Todos os robles dão, ardendo, a mesma luz...
Um tronco sobre um lar é um Cristo numa cruz!
E é calor que agasalha e facho que alumia
O que é em Cristo amor, piedade, harmonia...
E tudo o que é no poeta emoção e delírio
É luz no sol, canto nas aves, cor no lírio!...
E tudo o que é em nós Bondade é num rochedo
Viçoso musgo e santa sombra no arvoredo!...
E, enquanto dou a um pobre um bocado de pão,
O sol enche de luz o saco da amplidão!
E, qual Samaritana, a nuvem religiosa
Dá de beber a toda a terra sequiosa...
Um murmúrio de fonte é um Sermão da Montanha
E a neblina da tarde uma ascensão estranha!...
E enquanto eu sou a morte, ó velho e frio inverno,
Perante o sol - Jesus, é um Lázaro eterno.
Um promontório é um Cristo altivo, triste e só,
E o mar divino um poço imenso de Jacob!...

New light_

The crackle of the fire emanates a soul's smoke
The fire of a flower provides the ash of the perfume.
And the body of a wave is a mystical hearth
That exhales, longingly, the white fog...
It is the supreme and saintly fire of Matter,
From which a spiritual and sidereal light is emitted...
All that is matter, like the solitary, calm rock.
Wanting and longing, is light, is dreaming, is soul!
The soul is the exterior, the body the interior.
Where the heart ends, love begins...
Therefore, each inanimate and heavy body
Is bathed in a halo of endless light.
And, like this, an unknown anxiety, a chimera.
Placed lucid atmosphere around the earth!...
The light envelops the flame and the flame envelops the firewood...
Sensitive moss covers an insensitive cliff,
And above the moss the spiritual aroma hovers...
Mystery... In an aroma the stone is immaterial!
And yet they are the same pure life
The clear aroma, the green moss, the hard cliff!...
The earth is the mother of the soul, the earth gave birth
To the perfume of the flower and the soul of Jesus!...
The sludge is Mercy, and Love is infinite.
It is but emotion this rock of granite...
In the moved Poet there is the madness of the wind;
The cloud is a delirium, the water an emotion...
The spring lost across the sand,
Its shores dressed in green,
Putting forth in this sterile, dry land,
In an eternal kiss, the seed of Life.
A dewdrop is dreaming, anxiety,
Whether it descends to the dust, or ascends to the light...
Any earth that touches it awakens dazzled,
It is a herb, a perfume, a soul in love!
And it is a water droplet, oh heavenly body, blessed,
Amplified by the light, you embrace the infinite...
You are the transcendent ether, the great transmitter
Of the voice of worlds and their strange love!...

All the oak trees emit the same light when on fire...
A tree trunk on a home is a Christ on a cross!
And it is the heat that muffles and the torch that illuminates
What in Christ is love, mercy, harmony...
And everything that in the poet is emotion and delirium
Is the light of the sun, song of the birds, colour of the lily!...
And everything that in us is Goodness is in a rock
Lush moss and in the trees saintly shadow!...
And, while I give a poor man a piece of bread,
The sun fills the bag of immensity with light!
And, like a Samaritan, the religious cloud
Lets the parched earth drink...
The murmur of a spring is a Sermon of the Mountain
And the afternoon mist a strange ascension!...
And while I am death, oh ancient cold winter,
Before the sun - Jesus, you are an eternal Lazarus.
A promontory is a lofty Christ, sad and alone,
And the divine sea an immense puddle of Jacob!...

E as verdes ervas são versículos sagrados
Que os ribeiros e o sol escrevem sobre os prados...
E uma pedra contém a história verdadeira
Do Génesis, da Luz e da Mulher primeira!...
Ainda hoje, o Dilúvio, o velho avô das fontes,
Anda na boca das florestas e dos montes!...
E a mais estéril terra ainda recorda e chora
O tempo em que beijou teus lábios d'ouro, aurora,
Pela primeira vez, ardente de paixão!
Ainda hoje impressiona a terra a sensação
Que seu corpo diluiu em mística ternura,
Ao conceber a primitiva criatura!
E nos olhos da terra ainda fulgura a imagem
De tudo o que ela viu, nessa grande viagem
Através da penumbra infinda do Mistério,
Até desabrochar num coração etéreo!
Há nos olhos da terra a imagem desse olhar
Que a saudade transforma, às vezes, em luar...

Deus disse à luz do sol o segredo da Vida.
Desvendemos a Luz amada e preferida!...
Vejamos a razão suprema da existência
E o que ela tem d' amor, de espírito e de essência,
O que nela é real, eterno e inconfundível...
Que o nosso olhar penetre o mundo do invisível.
Os paramos do Sonho, a amplitude da Quimera,
Onde já se descobre etérea Primavera,
Nebulosa subtil composta dum perfume.
Dum éter, dum amor, duma luz que resume
A nova Criação que está para surgir
Do caos de Amanhã, do beijo do Porvir!...
O pó que a gente vê sobre os campos, disperso,
É um caos; nele sonha um místico Universo!
Apaga-se uma estrela e nela ressuscita
A sua frágil luz, numa luz infinita...
Se um homem fecha os roxos olhos, congelado,
D 'olhos eternos ele fica constelado!
E duns ouvidos transformados em poeira,
Brotam a audição completa, imensa e verdadeira...
E tudo o que termina e a cinza se reduz,
Vai acordar em alma e despertar em luz!
Um mundo auroreal, quimérico germina
Em cada areia, em cada gota cristalina...
E a nova Vida, numa onda a resplender,
Aflora à superfície ideal do novo ser.
Um novo Apolo vai tocar a nova Lira...
E na água que se bebe e no ar que se respira,
Nas nuvens onde dorme a clara luz dos céus,
Palpita um novo amor, murmura um novo Deus...

Teixeira de Pascoaes
Para a luz

And the green herbs are sacred versicles
That the streams and sun write on the meadows...
And a stone contains the true story
Of Genesis, Light and the first Woman!...
Still today, the Deluge, the old grandfather of springs,
Wanders in the mouth of forests and mountains!...
And the most sterile land still remembers and bemoans
The time when it kissed your golden lips, dawn,
For the first time, burning with passion!
Still to this day the sensation strikes the earth
That its body diluted in mystic tenderness,
Upon conceiving the first creature!
And in the earth's eyes the image still shines
Of all that she saw, in that great voyage
Through Mystery's infinite gloom,
Until it blossoms into an ethereal heart!
In the earth's eyes is the image of the gaze
Which longing, at times, transforms into moonlight...

God revealed the secret of Life to the sunlight.
Let us unveil the beloved and preferred Light!...
Let us see the supreme reason for existence
And what it has of love, of spirit and of essence,
What is real, eternal and unmistakable in it...
May our gaze penetrate the world of the invisible.
The heights of the Dream, the vastness of the Chimera,
Where ethereal Spring is already discovered,
A subtle nebula composed of a perfume.
Of an ether, of love, of a light that sums up
The new Creation that is about to arise
From the chaos of Tomorrow, from the kiss of the Hereafter!...
The dust we see on the fields, scattered,
Is chaos; in it dreams a mystical Universe!
A star is extinguished and in it rises
Its feeble light, in an infinite light...
If a man closes his frozen red eyes
He becomes a constellation of eternal eyes!
From ears turned to dust,
Sprouts full hearing, immense and true...
All that ends and to ash is reduced
Will awaken in soul and rouse in light!
An auroral, chimeric world germinates
In every sand, in every crystalline drop
And the new Life, on a glowing wave,
Emerges from the ideal surface of the new being.
A new Apollo will play the new lyre...
And in the water you drink and the air you respire,
In the clouds where the clear light of the heavens sleeps,
A new love palpitates, a new God murmurs...

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES

A
AMARANTE
CULTURA

U PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

MUSO
Art Gallery & Studio

Canção de Maio_

Chant of May_

Os rios são de luz,
E de ouro são as fontes.
É de ouro o mar azul,
Que banha os horizontes.

Bright in light are the rivers,
Of gold are the fountains,
The blue ocean gold delivers
Reaching the faraway horizons.

O arbusto que rebenta,
É um Lázaro a quebrar
A tampa do sepulcro,
Ouvindo o sol chamar!

The shrub in blossom is ethereal,
Like Lazarus ascending
From the deep, dark burial
As he hears the sun's chanting!

O aroma é tão intenso,
Em Maio, nos outeiros.
Que tolda os claros céus
De vagos nevoeiros.

The odour, so intense
In May, up the hills.
Clouding the clear horizons
As the hazy fog falls.

A luz do sol caindo.
Alegre, sobre a aldeia,
As pedrinhas do chão
E as águas incendeia!

The light from the sun, it blasts.
Joyful, over town,
And once there, on fire it sets
The water and the pebbles on the ground.

Doira a face espelhada
E lívida dos mármoreis;
E chuva de tinta
Esparge sobre as árvores.

The livid, white face of the marble
Turns to gold;
And the colours sparkle and wobble
Painting the trees once nude and cold.

Crescendo, a cor alaga
O vale, o campo, a serra.
E já mal se distingue
O céu azul da terra.

Growing feast, the colour embraces
The valley, the country, the mountain.
And from below one barely distinguishes
The vivid blue of the welkin.

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES



Êxtase_

Estrelas, como vós, eu ardo e me consumo.
Sou labareda e fumo,
Em sonhos, me disperso
E fujo com o vento.
Sou êxtase, luar, deslumbramento.
A sagrada manhã doirou meu berço;
E a Primavera, a rir as suas cores,
Cingiu-me num abraço iluminado a flores.
Beija-me etérea graça.
Canta, pousada em mim, a cotovia.
Eterna borboleta de alegria,
No encanto dos meus olhos, esvoaça.
E tudo me embriaga e me seduz!
Evolvo-me num cântico de luz,
Numa oração a Deus
E ao claro sol que anima a Natureza
E descreve, num gesto de beleza,
A curva musical que abraça o azul dos céus.

Vivo naquela altura esplendorosa,
Lá, onde tudo é graça, enlevo, amor infindo,
Comção matinal de lágrima caindo
Sobre um botão de rosa...
Quando um fulgor de aparição divina,
Que os negros cerros banha.
Dissipa as frias névoas e ilumina.
Com lírios de ouro, o busto da montanha.
Através do meu ser,
Passam anjos voando, astros a resplender,

A lua, a noite escura,
Dilúvios de ternura.
Sombras de almas que surgem retratadas
Na inquieta palidez das madrugadas...
Perfumes, ansiedades,
Visões de amor, longínquas claridades...
E, por milagre, alcanço intimamente
Indefinidos mundos radiosos;
E todo eu vibro e canto heroicamente.
Sob influências astrais e beijos misteriosos...

Teixeira de Pascoaes
Vida Etérea

Ecstasy_

Stars, like you, I burn and consume myself.
I am flame and smoke,
In dreams, I scatter
And flee with the wind.
I am ecstasy, moonlight, dazzle.
The sacred morning brightened my cradle;
And spring, laughing its colours,
Bound me in a flower-lit embrace.
Kiss me [with] ethereal grace.
The lark, perched on me, sings.
Eternal butterfly of joy,
In the enchantment of my eyes it flutters.
And everything intoxicates and seduces me!
I fly away in a song of light,
In a prayer to God
And to the clear sun that [animates] Nature
And describes, in a gesture of beauty
The musical curve that embraces the blue of the skies.

I live in that splendid height,
There, where everything is grace, rapture, infinite love,
The morning emotion of a falling tear
On a rosebud...
When a glow of divine apparition,
Which bathes the black hills.
Dissipates the cold mists and illuminates.
With lilies of gold, the mountain bust.
Through my being,
Angels pass flying, stars shining [forth],

The moon, the dark night,
Floods of tenderness.
Shadows of souls that appear portrayed
In the restless pallor of the dawns...
Perfumes, anxieties,
Visions of love, far-off glimmers...
And, by a miracle, I reach within
Indefinite radiant worlds;
And all of me heroically vibrates and sings.
Under astral influences and mysterious kisses...

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES



A névoa_

Alvas brumas do norte,
Ó brumas encantadas,
Criai lendas de sonho,
Aparições de fadas;
Castelos de luar
E torres de marfim.
Onde ouve Viviana
A frauta de Merlin.

Brumas que amorteceis
O cântico do dia,
E em meus olhos deixais
Nódoas de cinza fria;
E desenhais, no Azul,
Perfis de etérea mágoa,
E paisagens de neve.
Em negros fundos de água.

Ó brumas que pairais,
Nas serras fragarosas...
Ó alvas mãos de espuma,
Acariciando as cousas...
Ó fantasmas de mães.
Vestidos de esplendores.
Que, nas manhãs de estio.
Amamentais as flores!

Branças névoas que sois
Tão intenso luar,
Que afinal escurece
Em vez de alumiar.
E perdeis, na montanha,
Os ermos viandantes.
Quando os lobos, com fome,
Andam a uivar, errantes.

Ó brumas dilatando
O som, vaga matéria,
Em onda que se espraia
Até à luz sidérea;
E, na mudez da noite,
Inunda o céu profundo
De preces, de canções
E gritos deste mundo.
Alvas brumas do Norte,
Ó brumas encantadas.
Criai lendas de sonho,

The fog_

Morning mists of the north,
Oh enchanted mists,
You create legends of dreams,
Fairy apparitions;
Moonlight castles
And ivory towers,
Where Viviana hears
The flute of Merlin.

You mists that dampen
The day's hymns,
And in my eyes leave
Stains of cold gray;
And sketch, in the Blue,
Outlines of ethereal sorrow,
And landscapes of snow,
In black, watery depths.

Oh, you mists that hover
In the craggy mountains...
Oh, hands of dawn and foam,
Caressing the things...
Oh, ghosts of mothers
Dressed in splendors
That, on summer mornings,
You nurse the flowers!

The white fog that you are
Such intense moonlight,
Which actually darkens
Instead of brightens.
And makes lost, on the mountain,
Isolated travelers,
When the wolves, hungry,
Are howling, wandering.

Oh, mists dilating
Sound, vague matter,
On a wave that spreads
Until the sidereal light;
And, in the muteness of the night,
Inundates the deep sky
With prayers, with songs
And shouts of this world.
Morning mists of the North,
Oh, enchanted mists,
You create legends of dreams,

Aparições de fadas.
Castelos de luar
E torres de marfim,
Onde ouve Viviana
A frauta de Merlin.

Fairy apparitions,
Moonlight castles
And ivory towers,
Where Viviana hears
The flute of Merlin.

Teixeira de Pascoaes
Vida Etérea

MUSE
HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES

A
AMARANTE
CULTURA

U. PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

MUSO
Art Gallery & Studio

Os rochedos_ The boulders_

Há rochedos que são estátuas misteriosas.
Nós vemo-los, além, nas serras arenosas,
Desenhados na tela em brasa do sol-pôr...
Ó frentes que enrugou e empederniu a dor!
Há rochedos que são perfis extraordinários.
Alguns, ao vir da lua, evocam os calvários.
Este, lembra dum Deus o mutilado torso;
Aquele, abre, de noite, uns olhos de remorso.
Outros, têm a atitude ideal de quem medita.
O rosto duns contrai uma expressão afrita
E neles transparece um gesto de loucura.
A sombra duns, à tarde, é sombra de ternura.
Outros, rezam, ao vento, as mágoas do luar...
Outros, dum alto cerro, olham o céu e o mar.

There are boulders that are mysterious
statues.
We see them, yonder, in the sandy mountains,
Painted on canvas by the fiery setting sun...
Oh, brows that it furrowed and set pain in
stone!
There are boulders that are extraordinary
profiles.
Some, as the moon rises, evoke the calvaries.
This one recalls the mutilated torso of a
God;
That one, at night, opens remorseful eyes.
Others have the ideal attitude of someone in
meditation.
The faces of some take on a pained expression
As they betray a gesture of madness.
The shadow of some, in the afternoon, is a
shadow of tenderness.
Others pray, to the wind, the sorrows of the
moonlight...
Others, from a hilltop, look to the sky and
the sea.

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES



As almas_

The souls_

Vejo passar, na infinda solidão,
Vultos de almas, figuras de emoção;
Os poetas do silêncio que não cantam.
Os doidos que, de súbito, se espantam,
Os que gelam, ao ver o luar nascente.
Os que fitam a mesma estrela, eternamente;
Os perdidos da sorte.
Os que chamam, gritando, pela morte!
Os que andam, sem saber, pelos caminhos,
Os que de noite vão, sempre a falar,
sozinhos;
Os que vivem casados com a dor
E a escondem, ciumentos;
Os trágicos do Amor,
Os que sentem astrais deslumbramentos.
Os que matam e cantam, por destino;
O salteador nocturno, o poeta que é divino.
Os tristes vagabundos.
Em perpétua e fantástica viagem...
Os que amam a paisagem
E têm nos olhos a amplidão dos mundos...
Vultos de almas, figuras de emoção,
Errantes, na infinita solidão.

I see passing by, in everlasting solitude,
Forms of souls, figures of emotion;
The poets of silence that don't sing,
The foolish ones that suddenly startle,
Those that freeze as the moonlight grows,
Those that stare at the same star, eternally;
Those that luck lost,
Those who call, in screams, for death!
Those who follow, unknowingly, paths,
Those who walk at night, always talking, alone;
Those who live married to pain
And hide it, jealous;
The tragic ones of Love,
Those who feel astral enchantments,
Those who kill and sing, by destiny;
The night thief, the divine poet.
The sad vagabonds,
On a perpetual and fantastic journey...
Those who love the scenery
And hold in their eyes the vastness of the worlds...
Forms of souls, figures of emotion,
Wandering, in infinite solitude.

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES



A sombra humana_

The human shadow_

Quando passeio ao longo dos caminhos,
Batem asas de medo os passarinhos;
Escondem-se os répteis, no tojo em flor.

Meu ser espalha um trágico pavor
Nas pobres criaturas,
Que, neste mundo, vivem, às escuras!

Avezinha fugindo ao ruído dos meus passos,
Se o que eu sinto por ti, acaso,
pressentisses,
Tu virias fazer o ninho nos meus braços...

Virias ter comigo, ó pedra, se me ouvisses!

As I stroll the paths ahead,
Fearful birds with wings widespread;
Reptiles hiding in the flowering gorse.

I am the figure of a tragic curse
To these poor hidden creatures
Who need darkness to survive their worldly
ventures.

Little bird flying over the sound of my steps,
Should you know how I wish you were free
To my arms you'd heap and build your nests...

Should you hear me, oh rock, you'd come to me!

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES



Olhar eterno_

Eternal gaze_

Aquele olhar tão triste,
Onde ia em negra luz tudo o que sou
E tudo o que existe,
No instante em que pousou,
Relâmpago do Além,
Sobre o teu rosto de anjo e de amorzinho,
Já deitado na cama e tão doentinho,
Cercado da aflição de tua mãe;
Esse olhar fez-se eterno,
Em meu doido olhar é sempiterno.
É fogo de agonia,
Rubro clarão de inferno...

É, para mim, agora, a luz do dia.

That gaze of sadness,
Encasing the gloom of all my soul
And all that there is,
In when it lands, with a blow,
That bolt from Beyond
Over your face, loving, angelical
Lying in bed, so sick, so frail,
That gaze becomes eternal;
Surrounded by your mother's pain
And my gaze now is forever insane.
A fire of agony,
A crimson light of a hellish reign...

Is now, for me, the light of every day.

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES



Na rua_

Alvas brumas do norte, Meia-noite. A cidade é um fantasma sombrio
No mistério da treva aflito e angustioso...
Nos ângulos sem luz, um vulto mudo e frio
Tem um perfil sinistro e um vago olhar brumoso...

A cidade é um fantasma imóvel... Nos espaços,
Onde os astros de Deus as pálpebras cerraram.
As suas torres ergue, altivas como braços
Que num gesto infernal de dor petrificaram.

Por sobre as cousas paira um mistério profundo
Que as almas arreperia e as sombras faz tremer.
Palpita desnorteado o coração do mundo,
Sente-se um temporal de escuridão crescer!

Há reflexos de luz nos vidros das janelas.
Que voam através da treva, a cintilar.
Inconfundíveis como a brancura das velas
Sobre as ondas que anima o sangue do luar...

A noite é negro abismo. E o poeta desvairado
Inclina-se sobre ele a olhar, branco de dor,
O mistério onde existe em trevas sepultado,
O coração da luz a palpar d'amor!

Pesa sobre a cidade uma inquieta paz,
Como a do mar que cerca as ilhas d'alva espuma.
E às negras ruas, onde morre a luz do gás,
Desce, como uma asa, a misteriosa bruma...

Goteja dos beirais o pranto do nevoeiro
Onde minh'alma sente a dor dos oprimidos...
Pranto que faz gelar o frio de Janeiro.
No lívido perfil dos troncos ressequidos.

Lá baixo, junto ao cais, embarcações dormentes
Lembram a emigração e os ásperos degredos,
Terríveis temporais, os ígneos continentes,
Cavernas de leões, estranhos arvoredos!

É venenoso e amargo o ar que se respira...
É feito d'ais de desespero e de tormento.
Por isso, um peito humano em febre, que delira,
Na dor alheia encontra um místico alimento.

E dolorida brisa agita sombras d'árvores
Que por dentro são luz donzela e virginal.
No rosto de quem passa há a brancura dos mármorees,
Tão nítida que exala um frio glacial.

Ó altas catedrais no espaço recortadas,

On the street_

Midnight. The city is a somber ghost
In the mystery of darkness, afflicted and anguishing...
In the unlit angles, a mute and cold figure
Has a sinister profile and an empty, misty gaze...

The city is an immobile ghost... In the spaces,
Where the stars closed the eyelids of God,
Its towers rise up, lofty, like arms
Petrified in an infernal gesture of pain.

For over all things hovers a profound mystery
That makes souls shiver and shadows tremble.
The heart of the world beats bewilderedly,
A growing season of darkness can be felt!

Light reflects off the glass of the windows,
Flying through the darkness, sparkling,
Unmistakable as the whiteness of the candles
On the waves that enliven the blood of the moonlight...

The night is a black abyss. And the mad poet
Hunches over himself gazing, white with pain,
Upon the mystery, where buried in darkness exists,
The heart of light beating with love!

An uneasy peace rests over the city,
Like that of the sea encircling islands with morning foam.
And upon the black streets, where the gas light dies,
The mysterious mist descends, like a wing...

The tears of the fog drip from the eaves
Where my soul feels the pain of the oppressed...
Tears that give a chill to the cold of January
In the wan profile of the withered trunks.

Down there, next to the docks, dormant vessels
Recall emigration and harsh exiles,
Terrible storms, the igneous continents,
Lions' caverns, strange groves!

The air inhaled is venomous and bitter...
It is made of cries of despair and torment.
Which is why, a feverish human chest, raving,
Finds mystic sustenance in the pain of others.

And an aching breeze agitates shadows of trees
That are, inside, maiden and virginal light.
In the faces of passersby is the whiteness of marble,
So apparent it exhales a glacial cold.

Oh, high cathedrals cut against the sky,
Oh, specters of the night in absorbed meditation!
Oh, high homes! Oh, whitened walls,

Ó espectros da noite a meditar absortos!
Ó altas casas! Ó paredes branqueadas.
Aonde tem a cal a palidez dos mortos!

Ó plantas dos jardins fantásticas, sombrias.
Num murmúrio de dor que um ermo vento leva...
Aromas que matais, fúnebres harmonias.
Lagos feitos de lama onde é mais densa a treva!

Triste cidade onde o silêncio é um grito enorme!
Ó aflição da noite! Alma que desespera!
Ruínas que a sombra faz. Grande caos que dorme,
Abismo onde vagueia a pálida Quimera!

É um quadro trágico, onde um vulto amortalhado
Num nevoeiro d'alma onde há cintilações,
Vai seguindo uma negra rua, esfarrapado,
No seu olhar levando o esplendor das visões!

Vai seguindo através das ruas e das praças,
Num sonho imenso de revolta e de verdade,
Ouvindo esse clamor sinistro das desgraças
Que anda no ar perdido ao pé da claridade...

Um clamor que assemelha a voz deste Planeta,
Onde o Delírio acende as notas mais agudas.
É um clamor que inspira a fronte do poeta
E que na corda do remorso enforcou Judas!

Teixeira de Pascoaes
Para a Luz

Where the lime is as pale as the dead!

Oh, plants of the fantastic, somber gardens.
In a murmur of pain carried by a solitary wind...
Aromas that you kill, funereal harmonies,
Lakes made of mud where the darkness is thicker!

Sad city where silence is an enormous shout!
Oh, affliction of the night! Soul that despairs!
Ruins made by shadow. Great chaos that sleeps,
Abyss where the pale Chimera wanders!

It is a tragic scene, where a figure shrouded
In a fog of the soul where there are flickers,
Follows a black road, tattered,
Carrying in its gaze the splendor of the visions!

It continues through the streets and the squares,
In an immense dream of outrage and truth,
Hearing that sinister clamor of the misfortunes
That floats in the air, lost at the foot of clarity...

A clamor similar to the voice of this Planet,
Where Delirium ignites the sharpest notes.
It is a clamor that inspires the brow of the poet
And that on the rope of remorse, Judas hung!

MUSE
HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES

A
AMARANTE
CULTURA

U PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

MUSO
Art Gallery & Studio

As árvores_

The trees_

Árvores maternais,
À luz do sol, em dias estivais,
O rústico mendigo,
Junto de vós, encontra abençoado abrigo...

Deita-se, a descansar
Do seu pesado e eterno caminhar.
Sob os ramos em flor,
Que dão à sua mágoa alívio, aroma e cor.

Porque a humana tristeza.
Perante a Natureza,
Embebe-se de azul, de cantos de ave
E se afasta de nós mais pálida e suave.

Ó árvores piedosas.
Pelas manhãs formosas.
Quando etéreo fulgor, que se anuncia.
Vossas lágrimas muda em risos de alegria!

Bendito o vosso corpo imaculado,
A arder, num lar sagrado.
Bendito o vosso fruto e flor, que vem dos céus.
Minhas irmãs em Deus.

Que simpatia imensa
Me prende à sua angélica presença,
Onde, em cristais, retine a voz do rouxinol
E, em tinta verde, coalha a luz do sol!

E que infinita mágoa
Eu sinto, quando o tempo, a escorrer água,
Como um fantasma esvoaça
E lhes despe a verdura, o mimo, a graça.

E têm vozes de choro,
Nas ramagens, que agita um zéfiro de agouro;
São suspiros de dor, ais tristes de abandono,
A elegia do outono.

E esse canto ideal
Satura-me de bruma espiritual;
Dilui-me num crepúsculo sem fim,
E vivo para tudo e morro para mim...

Maternal trees,
Under the sunlight of summer days,
The rustic beggar,
Beside you, finding in you blissful shelter...

He lies resting
From his heavy, hurtful, endless walking.
Under flowered branches,
Whose colour and aroma are to him new chances.

Because human plight.
Before Nature, before light,
Feeding of birdy chants and thriving on the blue,
Steps away from our souls much paler and smooth.

Oh, trees of mercy.
In those mornings of beauty.
Ethereal glow that slowly emerges.
Into bundles of joy transforms your tears!

Blissful is your body untarnished,
In sacred housing, ignited.
Blissful fruit and flower, sent from above.
My sisters in God, almighty God of love.

Such immense kindness
Detains me in your angelical presence,
Where crystals echo the voice of the nightingale
And curdles of green and sun are the set of a fairytale!

But such is this great sorrow
I feel, as time flows like water into tomorrow,
As a ghost that flutters in fast pace
Stripping them of their green and grace.

And in their voices, they weep,
Calling on Zephyrus' omen, branches shaking in a heap;
Whispers and cries of pain, in doldrums;
Here's the elegy of autumn.

And with that ideal song
Of spiritual breeze, I despond
Diluted in never-ending night
I live for it all and I let my soul take flight...

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES



A morte_

O mundo era uma estrela,
Um dia, se apagou,
Arrefeceu e a treva
Imensa o sufocou!
E nessa hora de luto.
Horrenda e dolorida.
Dentre as cinzas da Terra,
Ergueu-se a luz da vida!
Quando se apaga um sol.
Mil corações se inflamam...
As estrelas dão luz.
Mas os planetas amam!
E assim a luz do sol
Falece, num desmaio.
Para ser um olhar
Ou linda flor de maio...
Nosso corpo é também
Um astro que se apaga;
Um sol que a inundação
Da escuridão alaga.
Para que nele surja
A vida consciente,
A existência absoluta,
A vida onipotente!
Nasce da noite morta
A viva claridade...
Do que é frágil e vão
Procede a Eternidade.

Ê preciso que tombe
O nosso corpo em poeira,
Para ser alma e vida
Eterna e verdadeira!
Ê preciso baixar
À sepultura horrenda
Para que a vida nossa.
Em voos de luz, ascenda
Às regiões sem fim
Do sempiterno amor!
Homens, é necessário
O último estertor:
Homens, é necessária
A tragédia sublime
Que o corpo criminoso
E tétrico redime!
Homens, é necessário
O drama da agonia!
Ó morte esplendorosa,
Aurora, Glória, Dia!...

2. versão (edição 1924):

O nosso corpo é estrela que envelhece

The death_

The world was a star
That one day burned out,
Cooled, and the immense
Darkness suffocated it!
And in that hour of mourning,
Horrendous and painful,
Among the ashes of the Earth,
The light of life arose!
When a sun is snuffed out,
One thousand hearts ignite...
The stars give light,
But the planets love!
And it is thus that the sun's light
Dies, in a collapse,
To be a gaze
Or beautiful May flower...
Our body is as well
A star that burns out;
A sun that the inundation
Of darkness floods,
So that in it may arise
Conscious life,
Absolute existence,
Omnipotent life!
From the dead night is born
Vivid clarity...
From what is fragile and vain
Eternity rises.

Our body must
Topple into dust,
To become soul and life
Eternal and true!
Lower we must
Into the horrendous grave
So that our life,
In flights of light, may ascend
To the endless regions
Of everlasting love!
To give the final gasp
Is something we must:
The sublime tragedy,
Men, is a must
That the criminal and
Grim body redeems!
The drama of agony,
Men, is a must!
Oh, splendid death,
Dawn, Glory, Day!...

2nd version (1924 version):

Our body is a star that ages

E, súbito, escurece!
E, aos ventos, se desfaz em cinza arrefecida,
Para que dele surja a verdadeira vida!
É preciso baixar à sepultura horrenda.
Para que a nossa alma, em voos de luz, ascenda
Ao sempiterno amor!
Homens, é necessário o último estertor!
É preciso chorar a lágrima final,
Já sobrenatural!
Homens, é necessário o drama da agonia.

Ó morte, redenção, aurora, glória, dia!

Versão definitiva (edição Obras Completas, s/d):

O nosso corpo é estrela,
Que vai arrefecendo
E escurecendo,
Para que nele surja uma outra luz mais bela,
A luz espiritual.

É preciso baixar à negra sepultura,
Para que a humana e pobre criatura
Alcance o eterno amor.

Ê preciso sofrer o último estertor.
Chorar a lágrima final...

Teixeira de Pascoaes
Vida Etérea

And, suddenly, darkens!
And, in the wind, dissolves into cooled ash,
So that true life may spring from it!
We must lower into the horrendous grave,
So that our soul, in flights of light, may ascend
To everlasting love!
Men, give our final gasp we must!
The final, already unearthly, tear must be shed!
Oh death, redemption, dawn, glory, day!

Definitive version (Complete Works edition, undated):

Our body is a star,
That gradually cools
And darkens,
So that a more beautiful light may emerge from it,
The spiritual light.

We must lower into the black grave,
So that the poor and human creature
May achieve eternal love.

We must suffer the last gasp,
Cry the final tear...

MUSE
HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES

A
AMARANTE
CULTURA

U. PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

MUSO
Art Gallery & Studio

O poeta_

Ninguém contempla as cousas, admirado.
Dir-se-á que tudo é simples e vulgar...
E se olho a flor, a estrela, o céu doirado,
Que infinda comoção me faz sonhar!

É tudo para mim extraordinário!
Uma pedra é fantástica! Alto monte
Terra viva, a sangrar, como um Calvário
E branco espectro, ao luar, a minha fonte!

É tudo luz e voz! Tudo me fala!
Ouço lamúrias de almas, no arvoredo.
Quando a tarde, tão lívida, se cala,
Porque adivinha a noite e lhe tem medo.

Não posso abrir os olhos sem abrir
Meu coração à dor e à alegria.
Cada cousa nos sabe transmitir
Uma estranha e quimérica harmonia!

É bem certo que tu, meu coração,
Participas de toda a Natureza.
Tens montanhas, na tua solidão,
E crepúsculos negros de tristeza!

As cousas que me cercam, silenciosas,
São almas, a chorar, que me procuram.
Quantas vagas palavras misteriosas,
Neste ar que aspiro, trémulas, murmuram!

Vozes de encanto vêm aos meus ouvidos,
Beijam meus olhos sombras de mistério.
Sinto que perco, às vezes, os sentidos
E que vou a flutuar num rio aéreo...

Sinto-me sonho, aspiração, saudade,
E lágrima voando e alada cruz...
E rasteirinha sombra de humildade.
Que é, para Deus, a verdadeira luz.

II

Eu sou bendita esmola, ó pobrezinhos!
Meu coração é fonte que se alegra...
Vinde beber, ceguinhos;
Matai a sede negra!

Sou velho tronco, a arder, homens gelados!
Ó trevas, vinde a mim: sou claro dia.
Sou perdão: vinde a mim, ó condenados!
Ó tristes, vinde a mim: sou a alegria!

Meu pranto é doce orvalho, murchas flores.

The poet_

Nobody contemplates anything in admiration.
It would seem that everything is simple and ordinary...
And if I look at a flower, a star, the golden sky,
What endless commotion do they cause me to dream!

To me, everything is extraordinary!
A stone is fantastic! A high mount
Living earth, bleeding, like a Calvary
And a white specter in the moonlight, my font!

Everything is light and voice! Everything speaks to me!
I hear souls lamenting, in the grove,
When the afternoon, so languid, quiets,
Because it foresees the night and fears it.

I cannot open my eyes without opening
My heart to pain and joy.
Each thing knows how to transmit to us
A strange and chimeric harmony!

It is quite certain that you, my heart,
Contain all of Nature.
You have mountains, in your solitude,
And dark sunsets of sadness!

The things that surround me, silent,
Are souls, crying, looking for me.
How many vacant, mysterious words,
In this air I breathe, tremulous, they murmur!

Voices of enchantment reach my ears,
Shadows of mystery kiss my eyes.
I feel I lose, at times, my senses
And that I will float in an aerial river...

I feel as a dream, aspiration, longing,
And flying tear and winged cross...
And crawling shadow of humility,
Which is, to God, the true light.

II

I am a blessed alms, oh beggars!
My heart is a joyful fountain...
Come drink, blinded ones;
Quench the dark thirst!

I am an old trunk, burning, frozen men!
Oh, darkness, come to me: I am clear day.
I am forgiveness: come to me, oh, condemned!
Oh, mournful ones, come to me: I am joy!

My weeping is sweet dew, wilted flowers.

Sou a luz do luar, ó noite escura!
Sou bálsamo suave, ó negras dores!
Ó pedras, vinde a mim ! Sou a ternura!

Árvores, vinde a mim: sou primavera!
E sou ninho de amor, aves do ar!
E sou antro de amor, ó bruta fera!
E sou praia de amor, ondas do mar!

III

O fogo que me abrasa
É fogo de paixão.
Meu corpo tomba em cinza
E pó, que o vento leva...
E alcança a vida eterna,
Em mística ascensão,
Tudo o que, em mim, é dor, fragilidade e treva.

Vejo, sob os meus pés,
Estrelas, a fulgir
Vejo mudar-se em luz
A gélida penumbra.
Esta carne, que é terra,
Há-de outra vez florir.
Uma visão de Deus todo o meu ser deslumbra.

Lá vai meu coração.
Quimérico, a sonhar.
Qual infindo murmúrio
Ou hálito de dor
Ou perfume de lírio
Ou asa de luar.
Para uma vida nova e para um novo amor.

Teixeira de Pascoaes
Vida Etérea

I am the light of the moon, oh, dark night!
I am a smooth balm, oh, dark pains!
Oh, stones, come to me! I am tenderness!

Trees, come to me: I am spring!
And I am a nest of love, birds of the air!
And I am a den of love, oh, feral beast!
And I am a beach of love, waves of the sea!

III

The fire that sets me ablaze
Is the fire of passion.
My body tumbles into ashes
And dust, carried by the wind...
And eternal life is reached,
In mystic ascension,
By everything that, in me, is pain, fragility and darkness.

I see, beneath my feet,
Stars, shining...
I see turning into light
The icy penumbra.
This meat, which is earth,
Shall flourish once again.
My whole being a dazzling vision of God.

There goes my heart,
Chimeric, dreaming,
What infinite murmuring
Or breath of pain
Or perfume of lily
Or wing of moonlight,
For a new life and a new love.

MUSE
HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES

A
AMARANTE
CULTURA

U PORTO
FACULDADE DE BELAS ARTES
UNIVERSIDADE DO PORTO

MUSO
Art Gallery & Studio

Sozinho_

Alone_

Tarde. Vagueio só, por um outeiro.
Sua imagem, quimérica, flutua
Diante de mim, no espaço: é nevoeiro
Vestindo de emoção a terra nua.

E como na minh'alma se insinua
Aquele etéreo vulto... amor primeiro!
Ouço-o falar, lá fora, à luz da lua,
Vejo-o brincar na sombra do terreiro.

Apenas vêem meus olhos, neste mundo,
O seu perfil angélico, o seu fundo,
Misterioso, verde-negro olhar...

Vejo uma estrela? É ele. Vejo um lírio?
É ele. Tudo é ele. E o meu delírio
É ele, é o seu espírito a cantar.

Afternoon. I wander alone, along a hill.
Its image, chimerical, fluctuates
Ahead of me, in the space: it is fog
Dressing the naked earth with emotion.

And as it instils itself in my soul
That ethereal figure... first love!
I hear it speaking, out there, in the
moonlight,
I see it playing in the shadow of the yard.

They only see my eyes, in this world,
Their angelic profile, their depth,
Mysterious, dark green gaze...

Do I see a star? It is it. Do I see a lily?
It is it. Everything is it. And my delirium
Is it, it is its spirit singing.

MUSE

HOMENAGEM A TEIXEIRA DE PASCOAES

